

}4.1

WEISS, HANS-FRIEDRICH – *Frühes Christentum und Gnosis Eine rezeptions-geschichtliche Studie*, [= WUNT 225], Tübingen, Mohr Siebeck 2008, 587pp. ISBN 978-3-16-149606-6

Este professor emérito de Novo Testamento nas universidades de Jena e de Rostock oferece-nos aqui a síntese de um tema que o ocupou ao longo de toda a sua vida. Um trabalho deste género só é possível no fim de uma vida, e de uma vida dedicada à docência e à investigação, pois o autor mostra conhecer as diversas tendências e toda a evolução por que passou este tema a partir da segunda metade do século XX. É preciso muito tempo, são necessários muitos anos para tratar de modo tão rigoroso e acríbico (à boa maneira germânica) uma temática tão difícil e tão debatida.

O autor começou e foi conduzido pelo já falecido especialista em Judaística Martin Hengel. Não pretende continuar o estudo clássico que investiga quão longe ou até onde entrou a influência da gnose no cristianismo primitivo, sobretudo no Novo Testamento. Ao invés, o autor procura averiguar até onde se estendeu a *recepção* no cristianismo primitivo ao nível da literatura, o mesmo é dizer, que vê deste ponto de vista até onde foi a *Wirkungsgeschichte* deste movimento do cristianismo primitivo na gnose da época contemporânea da fase chamada da Igreja Antiga. O caminho acaba então por ser o inverso, ainda que no terceiro capítulo assuma o interesse clássico por tentar decifrar até que ponto é ou não possível falar de gnose já no período do Novo Testamento. Do que se trata então não é da influência da gnose no Novo Testamento. Por isso, Weiss parte na pág. 8 contra a tese clássica de Harnack defendida em *Geschichte der altchristlichen Literatur bis Eusebius*. I. *Übersetzung und Bestand*, Leipzig 1893, 143 que faz depender a literatura gnóstica da tradição cristã como uma variante da mesma. Assim sendo, a tese defendida por Weiss é precisamente a da genuidade e especificidade da literatura gnóstica analisada em total independência da literatura cristã (pág. 485). Só depois é que Weiss parte para verificar até que ponto é que esta literatura bebeu, *repcionou* temáticas cristãs, pois, como ele próprio chama a atenção, existe muita literatura gnóstica que não surge contra o cristianismo na medida em que é totalmente não cristã. Weiss olha então para a gnose como uma religião específica („eigenständigen Religion neben dem Christentum“: pág. 9), e não como uma variante sectária do cristianismo. Prova disto mesmo são alguns escritos da biblioteca de Nag-Hammadi, que ajudam o autor a provar a sua tese, sobretudo no capítulo quatro (pp.282-456). A gnose não é deste modo um fenómeno secundário, mas original e independente, uma „Alternative“ (pág. 521) hermenêutica com um carácter não cristão („nicht-christlichen Charakter“: pág. 525).

No fim do volume o leitor encontra um manancial enorme em quantidade e em qualidade de bibliografia actualizada sobre o tema. Além disso, o autor oferece também vários índices remissivos muito úteis (bíblicos, da biblioteca de Nag-Hammadi, autores antigos e cristãos, de temas e de autores), o que muito enriquece esta obra já de si rica. Todavia, estranhámos muitíssimo a ausência completa de uma referência sequer ao trabalho do jesuíta já falecido Antonio Orbe, sobretudo à sua obra monumental sobre

a cristologia gnóstica publicada nos vols. 384-385 da BAC em 1976 ou os seus estudos valentinianos publicados em cinco volumes em Roma entre 1955-1966. Mesmo assim, mais um volume que só vem prestigiar ainda mais a grande colecção em que está inserido, bem como a editora que publica obras deste calibre.

José Carlos Carvalho